

Universidade Federal de Minas Gerais
Faculdade de Letras
Curso de Especialização em Língua Portuguesa: Teorias e Prática de Ensino de Leitura
e Produção de Textos

Adriane Conceição Barbosa

PROPOSIÇÃO DE UMA SEQUÊNCIA DIDÁTICA DO GÊNERO RELATO DE
EXPERIÊNCIA VIVIDA COMO FORMA DE ACOLHIMENTO AOS ESTUDANTES,
NO RETORNO ÀS AULAS PRESENCIAIS

Belo Horizonte
2021

Adriane Conceição Barbosa

**PROPOSIÇÃO DE UMA SEQUÊNCIA DIDÁTICA DO GÊNERO RELATO DE
EXPERIÊNCIA VIVIDA COMO FORMA DE ACOLHIMENTO AOS ESTUDANTES,
NO RETORNO ÀS AULAS PRESENCIAIS**

Trabalho de Conclusão de Curso de Especialização, apresentado como requisito parcial para a obtenção do título de Especialista em Teorias e Prática de Ensino de Leitura e Produção de Textos, pelo Curso de Pós-Graduação Lato Sensu em Ensino de Língua Portuguesa, da Faculdade de Letras da Universidade Federal de Minas Gerais.

Orientador(a): Evaldo Balbino da Silva

Belo Horizonte
2021

B239b

Barbosa, Adriane Conceição.

Proposição de uma sequência didática do gênero relato de experiência vivida como forma de acolhimento aos estudantes, no retorno às aulas presenciais [recurso eletrônico] / Adriane Conceição Barbosa. – 2021.

1 recurso online (36 f. : il., fots, color.) : pdf.

Orientador: Evaldo Balbino da Silva.

Monografia apresentada ao Curso de Especialização em Língua Portuguesa: Teorias e Práticas de Ensino de Leitura e Produção de Textos da Faculdade de Letras da UFMG.

Monografia (especialização) – Universidade Federal de Minas Gerais, Faculdade de Letras.

Referências: f. 23-23.

Anexos: f. 24-36.

Exigências do sistema: Adobe Acrobat Reader.

1. Língua Portuguesa – Estudo e ensino. 2. Produção de textos.
3. Gêneros textuais. 4. Ambiente de sala de aula I. Balbino, Evaldo, 1976-. II. Universidade Federal de Minas Gerais. Faculdade de Letras.
III. Título.

CDD: 469.07

UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS
FACULDADE DE LETRAS
ESPECIALIZAÇÃO EM LÍNGUA PORTUGUESA: Teoria e Práticas de Ensino de Leitura
e Produção de Textos

**ATA DA DEFESA DO TRABALHO DE CONCLUSÃO DA ALUNA ADRIANE
CONCEIÇÃO BARBOSA**

Realizou-se, no dia 20 de maio de 2021, às 14:00 horas, de forma remota, a defesa do Trabalho de Conclusão de Curso, intitulado *PROPOSIÇÃO DE UMA SEQUÊNCIA DIDÁTICA DO GÊNERO RELATO DE EXPERIÊNCIA VIVIDA COMO FORMA DE ACOLHIMENTO AOS ESTUDANTES, NO RETORNO ÀS AULAS PRESENCIAIS*, apresentado por ADRIANE CONCEIÇÃO BARBOSA, número de registro 2020653910, como requisito parcial para a obtenção do certificado de Especialista em Língua Portuguesa: Teorias e Práticas de Ensino de Leitura e Produção de Textos da Faculdade de Letras da Universidade Federal de Minas Gerais, perante a seguinte Comissão Examinadora: Prof. Evaldo Balbino da Silva - Orientador (UFMG), Profa. Elaine Amélia Martins (CEFET/MG), Profa. Mônica Baeta Neves Pereira Diniz .

A Comissão considerou o Trabalho:

Aprovado

Reprovado

Finalizados os trabalhos, lavrei a presente ata que, lida e aprovada, vai assinada por mim e pelos membros da Comissão.

Belo Horizonte, 20 de maio de 2021.

Prof. Evaldo Balbino da Silva (Doutor)

Profa. Elaine Amélia Martins (Mestre)

Profa. Mônica Baeta Neves Pereira Diniz (Mestre)

Documento assinado eletronicamente por **Elaine Amélia Martins, Usuário Externo**, em 24/05/2021, às 11:15, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 5º do [Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020](#).

Documento assinado eletronicamente por **Mônica Baêta Neves Pereira Diniz, Usuário Externo**, em 24/05/2021, às 12:08, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 5º do [Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020](#).

Documento assinado eletronicamente por **Evaldo Balbino da Silva, Professor Ensino Básico Técnico Tecnológico**, em 25/05/2021, às 15:06, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 5º do [Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020](#).

A autenticidade deste documento pode ser conferida no site https://sei.ufmg.br/sei/controlador_externo.php?acao=documento_conferir&id_orgao_acesso_externo=0, informando o código verificador **0716256** e o código CRC **1A5E6E51**.

RESUMO

Este trabalho apresenta uma proposta de produção textual do gênero relato de experiências vividas e tem como objetivo principal acolher os estudantes da Rede Municipal de Educação, os quais ficaram por muito tempo fora do ambiente escolar, e também reestabelecer o vínculo entre aluno e professor, através do compartilhamento de lembranças desse período. O trabalho se dará a partir das atividades sugeridas em uma sequência didática aplicada em salas de aula do Ensino Fundamental II, orientado pelos pressupostos de Dolz, Noverraz e Schneuwly (2011) e apoiando-me na visão sociodiscursiva e interacionista de Bahktin (2003). A seleção dos textos presentes nesta sequência didática procura fomentar as discussões de experiências situadas no tempo, são narrativas de situações as quais possibilitarão emergirem memórias do período da pandemia da Covid-19. Por meio desta proposta, associando teoria e prática, espera-se que os estudantes aprendam a produzir o gênero em questão, além de perceber a importância de registrar os momentos marcantes de nossa trajetória.

Palavras-chave: sequência didática; acolhimento; registro.

ABSTRACT

This paper presents a textual production proposal from the genre report of lived experiences and has as main goal to welcome the students of the Rede Municipal de Educação, which were a long time away from the educational environment, and also to establish a bond between student and teacher, through the sharing of memories from this period. The paper will happen through suggested activities in a didactic sequence applied in Ensino Fundamental II classroom, oriented by Dolz, Noverraz e Schneuwly (2011) theories and leaning on Bahktin's (2004) socio-linguistic and interactionist view. The textual selection in this didactic sequence aims to foment the discussions of experiences located in time, they are situation's narratives which will enable the emerge of memories from the period of the Covid-19 pandemic. Through this proposal, associating theory and practice, it's expected that the students learn to produce the present genres, in addition to realize the importance of registering the striking moments of our trajectory.

Keywords: didact sequence; welcoming; register.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1 – Esquema da sequência didática	15
------------------------------------------------	----

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO	8
2. DESENVOLVIMENTO.....	9
2.1 Objetivos.....	10
2.2 Dialogar é preciso.....	11
2.3 A escolha do gênero como objeto de aprendizagem.....	12
2.4 As sequências didáticas como um procedimento de ensino dos gêneros em Língua Portuguesa.....	14
2.5 A escolha do gênero relato da experiência vivida.....	16
2.6 Uma proposta de sequência didática para gênero relato de experiência vivida.....	17
3. CONSIDERAÇÃO FINAIS.....	22
REFERÊNCIAS.....	23
ANEXOS.....	24

1. INTRODUÇÃO

Mesmo que a natureza e os cientistas alertassem para a possível chegada de um vírus que se espalharia por todo o planeta, esses alertas foram ignorados e o mundo foi surpreendido pela notícia de uma nova mutação do SARS-cov, identificado em 2003. O novo coronavírus, que infecta as pessoas causando uma doença que foi chamada de COVID-19, começou a circular em território chinês, no final de 2019 e, sob olhares atônitos, espalhou-se para o restante do planeta em poucos meses. Naquele momento, diante da gravidade da situação e do pouco conhecimento sobre o tratamento da doença, concluiu-se que o distanciamento social era a melhor forma para se evitar sua propagação. Assim, a comunidade escolar suspendeu suas atividades e iniciou um longo período de incertezas.

Na Rede Municipal de Educação de Belo Horizonte, as atividades escolares foram suspensas em 18 de março de 2020 e através de Decreto Municipal os trabalhadores em educação foram colocados em sobreaviso; sendo convocados para exercer suas atribuições por meio do regime de teletrabalho, a partir de 17 de junho, para elaboração de estudos, revisão do planejamento pedagógico inicial e construção coletiva de novas estratégias de ensino. A Rede Municipal não adotou o regime remoto de ensino, delegando autonomia às escolas de forma que cada uma se organizasse e desenvolvesse ações que possibilitassem a construção de um ano letivo edificante para os alunos. A escola em que trabalho, Escola Municipal Professor Hilton Rocha, visando seguir todas as determinações da Secretaria de Educação, desenvolveu um conjunto de ações para conseguir alcançar e manter um contato ativo com os estudantes da escola, o qual se deu através da criação de um blogue e redes sociais. Infelizmente, os acessos às postagens, nesse período, foram mínimos.

Entendendo a relevância desse período na vida de professores e alunos, proponho a elaboração de uma sequência didática sobre o gênero relato de experiência vivida, pautada nos ensinamentos de Dolz, Noverraz e Scheneuwly (2011), a fim de propiciar ao aluno uma possibilidade de reaproximação com a linguagem oral e escrita no âmbito escolar, além de possibilitar reflexões sobre suas vivências durante esse período atual de nossa história e a reaproximação com os colegas e professores.

2. DESENVOLVIMENTO

Com a atividade escolar suspensa, alunos e professores distanciados, a comunidade escolar precisou se reinventar para levar a escola até a casa dos estudantes. Algumas redes implementaram o sistema remoto de ensino enquanto legislações específicas eram criadas para regulamentar essa forma de trabalho. Porém, a Rede Municipal de Belo Horizonte, oficialmente, somente utilizou o ensino remoto com os estudantes dos anos finais, pois estes mudariam de rede de ensino e precisariam da certificação. Para a maioria dos estudantes restou o afastamento das atividades, haja vista que as tentativas de interação através das redes sociais se mostraram insuficientes. Para compensar estas perdas, determinou-se que o ano letivo de 2021, além do calendário comum, busque integrar também o ano letivo de 2020. Para nortear essa busca por novos caminhos de ensino-aprendizagem, foi criado o e-book *Percursos Curriculares da Rede Municipal de Belo Horizonte*, pensado e proposto como prática pedagógica para esses tempos de pandemia no qual se considera a importância

dos formatos a serem criados pelas escolas em seus roteiros de trabalho; o uso de tecnologias e técnicas de ensino que realmente ensinem; os objetos de conhecimento essenciais que devem ser ensinados; o apoio ao (à) estudante e o cuidado com a sua formação escolar, além da qualidade das interações entre escola/família/estudante. (BELO HORIZONTE, 2020, p.18)

Durante esse período, a desigualdade social foi explicitada no Brasil: para aqueles que tinham acesso à tecnologia e às escolas que efetivaram o ensino remoto, o ano letivo de 2020 foi encerrado, mesmo que com dificuldades. Para os estudantes e professores da escola pública restaram as incertezas. Infelizmente, essa situação ilustra mais uma vez o que diz Magda Soares (1993, p. 6) “Nossa escola tem-se mostrado incompetente para a educação das camadas populares, e essa incompetência, gerando o fracasso escolar, tem tido o grave efeito não só de acentuar as desigualdades sociais, mas, sobretudo, de legitimá-las”. Atualmente, essa incompetência se revelou na incapacidade de levar acesso à tecnologia para todos os estudantes e, conseqüentemente, esses estudantes ficaram um longo período privados do direito de ter acesso ao conhecimento e às habilidades construídos na escola, fundamentais como instrumentos de luta contra as desigualdades econômicas e sociais.

Para a maioria dos alunos, esse tempo longe da escola está representando também um afastamento da língua materna padrão. A proposta de uma sequência didática, baseada no gênero relato, tem o objetivo de atrair os estudantes para o mundo da leitura e da escrita a partir de narrativas simples, que os estimulem a construir também as suas narrativas;

incentivando-os a perceber as diferentes realidades que vêm se apresentando ao período pandêmico, levando-os à reflexão a partir dos contrastes sociais que se apresentam. Para Magda Soares (1993, p.76),

as relações entre linguagem e classe social têm, forçosamente, de estar presentes, numa escola transformadora, na definição de objetivos do ensino de língua materna, na seleção e organização do conteúdo, na escolha de métodos e procedimentos de ensino e na determinação de critérios de avaliação da aprendizagem.

Essa proposição de uma sequência didática pretende encarar o ensino da leitura e escrita como condição primeira na formação do cidadão crítico e atuante. Partindo da experiência do aluno, propiciando-lhe oportunidade para que fale e escute; ofertando-lhe textos, com discursos e linguagem variados, possibilitando-lhe uma compreensão mais ampla da sua condição dentro da sociedade. Para Freire e Macedo (2013, p.57):

Na sua melhor forma, uma teoria da alfabetização crítica precisa desenvolver práticas pedagógicas nas quais, na luta por compreender a vida de cada um, reafirme e aprofunde a necessidade de os professores e os alunos recuperarem suas próprias vozes, de modo que possam tornar a contar suas próprias histórias e, ao fazê-lo, conferir e criticar a história que lhes contam em comparação com a que viveram.

Além do trabalho com leitura e escrita, a escolha dos textos e as discussões visam contemplar também algumas das competências, apontadas pela Base Nacional Comum Curricular (BNCC), a serem trabalhadas pelas escolas a fim de promoverem não apenas o desenvolvimento intelectual do educando, mas também o social, o físico, o emocional e o cultural, compreendidas essas competências na perspectiva de uma educação integral.

2.1 Objetivos

O maior objetivo desta proposta de sequência didática é acolher o estudante no ambiente escolar presencial depois de um longo período de afastamento, possibilitando-lhe estratégias para a aquisição das capacidades e habilidades necessárias para a produção de um registro sobre suas vivências e memórias durante o afastamento, além de promover a reaproximação de estudantes e professores.

Secundariamente, busca-se aqui desenvolver capacidades específicas necessárias para se escrever um relato de suas vivências. Para isso é importante refletir sobre o mundo no qual vivemos (principalmente sobre a desigualdade social); perceber a importância dos registros das experiências vivenciadas; participar de discussões que permitam a troca de experiências e contato com variados textos do gênero relato. Consequentemente, incentivando a retomada às

atividades escolares sistematizadas. Ademais, é imprescindível retomar o ensino dos conhecimentos linguísticos e gramaticais, nesse caso, prioritariamente, rever os elementos básicos da narrativa, trabalhar as formas verbais e advérbios predominantes no gênero relato.

2.2 Dialogar é preciso

A Roda de conversa, como parte integrante da SD proposta, será vista como um momento fundamental de diálogo, oportunidade de ver e ouvir o outro, ver e ouvir a si mesmo, estar presente, valorizar a presença, o olho no olho. A roda será usada como instrumento de partilha e desenvolvimento de reflexões sobre o período pandêmico experienciado por nós, conversar para se buscarem novos olhares a partir da interação. Segundo Warschauer (2017, p.71), “para essa interação, assim como para a comunicação, precisamos ver o outro, estar atentos ao seu ritmo para buscar uma sintonia com ele. A Roda é um excelente caminho para aprender a entrar em sintonia com os outros. E poder aprender com eles.” Neste momento, eu diria até mesmo que a roda será um excelente caminho para reaprender a estar com os outros, a redescobrir a presença do outro.

Participar de uma roda de conversa demanda saber a hora de falar e de silenciar, exercitar a humildade e a empatia. A conversa é troca de experiências, as falas de cada participante são construídas a partir da interação com o outro, seja concordando, discordando ou revendo pontos de vistas. Daí, a conversa propiciará que cada um dos participantes amplie sua compreensão dos momentos vividos e reflita sobre o papel desempenhado por cada um de nós nesse momento histórico. Para Warschauer (2017, p.74), “a Roda favorece o desenvolvimento de nossa humanidade! E também o autoconhecimento! [...], pois o confronto com o outro, que é diferente de nós, faz com que nos reconheçamos naquilo que somos e no que não somos, ou no que poderíamos ser, ou no que já fomos”.

As conversas se darão a partir de questões sobre o tema “Vivências na pandemia”, com o objetivo de que cada participante contribua com sua própria história de vida, com suas experiências. Pontos de vistas diferentes aparecerão e poderão criar problemas na comunicação, cabendo, portanto, ao professor fazer a mediação necessária. O diálogo não é uma situação na qual podemos fazer tudo o que queremos. O diálogo implica responsabilidade, direcionamento, determinação, disciplina, objetivos. (FREIRE e SHOR apud WARSCHAUER, 2017, p.79)

Certamente a nossa Roda de Conversa ficará pequena para que se exponha tudo o que foi vivido, o tempo não será suficiente para fazer aflorarem todas as memórias, por isso proporei ao final da aula que nas aulas seguintes continuemos abordando esse tema. Eles terão a tarefa de lembrar junto com a família os aprendizados construídos, as perdas e ganhos, tendo-se em vista que tudo nesta vida tem lados bons e ruins. À professora caberá, além de reunir suas próprias histórias, a tarefa de reunir relatos diversos sobre momentos difíceis, de grande dificuldade; essas narrativas serão os objetos de ensino apresentadas à turma na sequência didática.

2.3 A escolha do gênero como objeto de aprendizagem

O trabalho se realizará de acordo com a concepção de linguagem bakhtiniana. Assim, o ensino da língua materna se dará através das interações sociais, nas quais o leitor é parte responsiva de um convite ao diálogo aberto e convocado para a construção de sentidos. Portanto, o trabalho com uma sequência didática baseada em textos, representantes do gênero relato, objetiva ampliar a compreensão do momento vivido na pandemia do Covid-19 e levar o estudante a produzir sua própria narrativa a partir de trocas de vivências, haja vista que “A compreensão de uma fala viva, de um enunciado vivo é sempre acompanhada de uma atitude responsiva” (BAKHTIN, 2003, p. 290). O encontro dos estudantes com outras histórias, vividas em outros lugares, conquanto no mesmo momento, propiciará que se busquem semelhanças e diferenças em relação às suas próprias histórias, o que pode enriquecer as suas narrativas.

A sequência didática pretende suscitar nos envolvidos o “querer-dizer”, a busca da fala viva; enfim, um enunciado que se materializará através dos gêneros do discurso. “Para falar, utilizamo-nos sempre dos gêneros do discurso, em outras palavras, todos os nossos enunciados dispõem de uma forma padrão e relativamente estável de estruturação de um todo” (BAKHTIN, 2003, p. 302). Assim como se aprende a língua materna, naturalmente, através da interação verbal, aprendemos também a utilizar os gêneros do discurso. Ao se organizar o trabalho com determinado gênero do discurso, pretende-se sistematizar a leitura e a produção de textos, tornando o ato de ler e escrever consciente. A criação da consciência nos aprendizes, de que existem modelos de textos que nos auxiliam nas atividades de comunicação do cotidiano, ou seja, os gêneros do discurso, possibilitará a escolha de gêneros que atendam aos seus objetivos de leitura e escrita. Além disso, os estudos com os gêneros do

discurso permitem o ensino da língua de prestígio, a língua que propiciará ao aluno condições de participação na luta contra as desigualdades.

Na teoria do gênero de Bakhtin, todo gênero discursivo envolve um *conteúdo temático*, os sentidos e os conteúdos abordados nos enunciados em suas realidades socioculturais; assume *uma estrutura*, a estrutura formal e organização dos gêneros; o *estilo*, considera as escolhas linguísticas. Nesse sentido, na produção de um gênero, observam-se as condições de produção, esse conceito reúne aspectos ou dimensões que representam o conjunto das circunstâncias históricas e sociais em que um discurso se dá e determina tanto a sua organização particular quanto os efeitos de sentido que ele é capaz de produzir. Por conseguinte, a esfera de atividade, a situação de comunicação, os papéis sociais desempenhados pelos interlocutores, a intenção comunicativa, as características do gênero e os objetivos do texto etc., constituem as condições de produção.

Schneuwly (2011) constrói o conceito de gênero como instrumento responsável por mediar uma atividade, ajudar a criar outras formas. Esse instrumento também materializa a ação. A partir do momento em que os aprendizes vão assimilando novos gêneros, estes se tornam instrumentos para a construção de novos saberes e conhecimentos. A criança apropria-se naturalmente dos gêneros primários do discurso, de maneira automática, nas múltiplas práticas de linguagem.

Na medida em que se desenvolvem novas formas de aprendizagem, principalmente, mediados pela leitura/escrita, os gêneros vão se modificando devido a novas necessidades de comunicação e tornam-se mais complexos, são os gêneros secundários. Assim, a passagem dos gêneros primários para os secundários se dá progressivamente, ação necessária para gerar maior diversidade de gêneros. Ao contrário dos gêneros primários, os secundários não são espontâneos, eles não partem das experiências pessoais do aprendiz, mas de um contexto que tem motivações mais complexas; a construção desse novo gênero apoia-se no primeiro, transformando-o. Nessa construção, o gênero primário reveste-se de novos significados e dá origem a outros instrumentos, nos quais se desenvolvem outros meios linguísticos necessários pela nova perspectiva textual. Esse movimento é considerado como ponto de partida de um longo processo de reestruturação da linguagem. Ou seja, “Os gêneros primários são os instrumentos de criação dos gêneros secundários” (SCHNEUWLY, 2011, p.31). É função da escola proporcionar aos aprendizes situações intencionais de aprendizagem e os gêneros do discurso servem como um eficiente ponto de partida:

No que concerne às práticas de linguagem, sua apropriação começa no quadro familiar, mas certas práticas, em particular aquelas que dizem respeito à escrita e ao oral formal, realizam-se essencialmente em situação escolar, na nossa sociedade, graças ao ensino, por meio do qual os alunos conscientizam-se dos objetivos relativos à produção e à compreensão. Aqui, mais ainda que em outras aprendizagens, a cooperação social é o fator determinante das transformações e dos progressos que ocorrem. (DOLZ e SCHNEUWLY, 2011, p.38)

A Base Nacional Comum Curricular (BNCC) preconiza que a disciplina de Língua Portuguesa proporcione aos estudantes experiências que colaborem para a ampliação dos letramentos, de forma a possibilitar a participação significativa e crítica nas diversas práticas sociais permeadas/constituídas pela oralidade, escrita e por outras linguagens. Para alcançar esses objetivos os gêneros do discurso assumem o papel de principal objeto de ensino das aulas,

Tal proposta assume a centralidade do texto como unidade trabalho e as perspectivas enunciativo-discursivas na abordagem, de forma a sempre relacionar os textos a seus contextos de produção e o desenvolvimento de habilidades ao uso significativo da linguagem em atividades de leitura, escuta e produção de textos em várias mídias e semioses. (BNCC, 2015, p.67)

2.4 As sequências didáticas como um procedimento de ensino dos gêneros em língua portuguesa

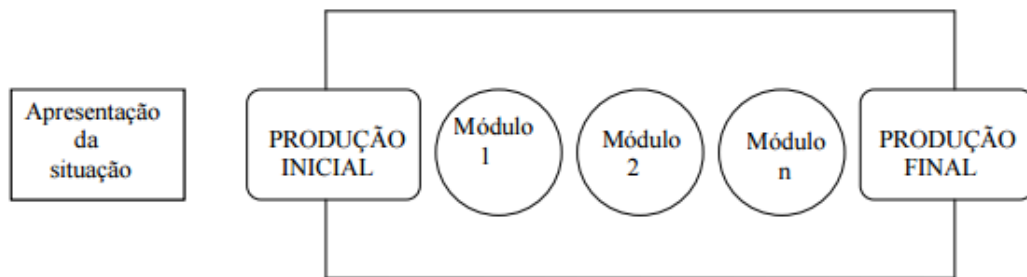
Dolz e Schneuwly apontam que os gêneros são de difícil sistematização devido a sua diversidade e maleabilidade, porém os gêneros “devem constituir os ingredientes de base do trabalho escolar, pois, sem os gêneros, não há comunicação e, logo, não há trabalho sobre a comunicação” (2011, p. 49). Daí que

por seu caráter genérico, são um termo de referência intermediário para a aprendizagem. Do ponto de vista do uso e da aprendizagem, o gênero pode, assim, ser considerado um megainstrumento que fornece um suporte para a atividade, nas situações de comunicação, e uma referência para o aprendiz. (DOLZ e SCHNEUWLY, 2011, p. 64)

As sequências didáticas concebem uma proposta teórica e metodológica do ensino de língua materna a partir do uso dos gêneros do discurso como objeto de ensino-aprendizagem. Essa proposta foi elaborada por Dolz, Noverraz e Schneuwly. Eles a definem como “um conjunto de atividades escolares organizadas, de maneira sistemática, em torno de um gênero

textual oral ou escrito” (2011, p. 82), que visa “ajudar o aluno a dominar melhor um gênero de texto, permitindo-lhe, assim, escrever ou falar de uma maneira mais adequada numa dada situação de comunicação” (2011, p. 83).

O esquema abaixo é uma representação do processo de trabalho em sequência didática para o trabalho de leitura e escrita dos gêneros orais e escritos:



Figura

1: Esquema da sequência didática (DOLZ, NOVERRAZ & SCHNEUWLY, 2011, p.83)

Primeiramente, o professor apresenta a proposta de trabalho para os alunos de forma detalhada e avisa que a atividade se encerrará na produção final, até lá há um caminho a ser percorrido. Essa parte é a apresentação da situação. Nessa fase é importante explicitar o projeto de produção de um gênero oral ou escrito, com muita clareza para que compreendam a situação de comunicação, ou seja, entendam o gênero abordado, para quem escrevem/falam e de que modo, com qual conteúdo. Portanto, é preciso fornecer aos alunos todos os dados para que conheçam o projeto, inclusive, procedendo à apresentação de textos do gênero em questão.

O próximo passo é o da produção inicial. Nesse momento os alunos produzem um texto oral ou escrito a partir do que compreenderam e dos conhecimentos que possuem. Essa produção inicial possibilitará ao professor planejar intervenções e o caminho que o aluno ainda tem a percorrer. Para Dolz, Noverraz e Schneuwly, essa é a essência da avaliação formativa.

Nos módulos que compõem a sequência, o objetivo é trabalhar os problemas que apareceram na primeira produção. Nessa fase, é necessário que o professor utilize estratégias variadas para trabalhar problemas de níveis diferentes e atividades e exercícios bem

diversificados. Durante a realização dos módulos, os alunos aprenderão progressivamente sobre o gênero abordado, como vocabulário e linguagem pertinentes.

A produção final é a parte final da sequência, é o momento em que os alunos colocarão em prática tudo o que assimilaram com os trabalhos realizados nos modelos. Aqui, o aluno terá clareza das características do gênero em questão e estará apto a fazer a revisão e reescrita do seu texto inicial, além de poder avaliar o próprio progresso em relação ao início dos trabalhos. O professor pode, também, se desejar, fazer uma avaliação do tipo somativo ou observar as aprendizagens efetuadas e planejar futuras intervenções.

A partir do exposto acima, conclui-se que o trabalho com a metodologia das sequências didáticas no ensino da língua materna permite que o estudante amplie seus conhecimentos acerca das particularidades de um determinado gênero e da língua materna, e também reflita, a cada etapa do processo, sobre a construção desse conhecimento, o que lhe permite estender as técnicas ali aprendidas a trabalhos com outros gêneros. Ao professor, a metodologia facilita o planejamento do ensino da língua materna, fornece meios para uma avaliação processual ou somativa, além de proporcionar a escolha de textos que tratam de temas que perpassam o cotidiano dos alunos ou que sejam necessários em determinados momentos.

2.5 A escolha do gênero relato de experiência vivida

Conforme dito anteriormente, essa atividade pretende receber os estudantes de volta ao ambiente escolar da forma mais tranquila possível, haja vista que nesse momento todos nós, os integrantes da comunidade escolar, necessitamos de acolhimento, de sermos ouvidos e de ouvir os demais. Assim, acredito que a leitura e produção de textos que nos incentivam a verbalizar o que vimos e sentimos no momento do distanciamento seja fundamental. Assim surge a ideia do trabalho com o gênero relato de experiência vivida.

Os textos escolhidos para integrar a referida sequência didática são diversos e incidem sobre a mesma temática: experiências vividas em momentos difíceis, conturbados, além de se estruturarem sob o mesmo aspecto tipológico: a narrativa. Os textos selecionados podem ser curtas-metragens, fotorreportagens, memes, páginas de blogue, trechos de livros. Dolz, Noverraz e Schneuwly, (2011) apontam que “os gêneros podem ser agrupados em função de um certo número de regularidades linguísticas e de transferências possíveis” (p.101). Esse agrupamento pretende o desenvolvimento da leitura, escrita e oralidade; assim como a

facilitação da escolha dos gêneros e sua organização numa progressão. Portanto, a seleção de textos pode basear-se no agrupamento seguinte:

ASPECTOS TIPOLOGICOS (RECORTE)

DOMÍNIOS SOCIAIS DE COMUNICAÇÃO	CAPACIDADES DE LINGUAGEM DOMINANTES	EXEMPLOS DE GÊNEROS ORAIS OU ESCRITOS
Documentação e memorização de ações humanas	Relatar Representação pelo discurso de experiências vividas, situadas no tempo	Relato de experiência vivida Relato de viagem Testemunho Curriculum vitae Notícia Reportagem Crônica esportiva Ensaio biográfico

Fonte: DOLZ, NOVERRAZ & SCHNEUWLY, 2011, P.102

Agrupamento semelhante se encontra no livro *Dicionário de gêneros textuais*, de Sérgio Roberto Costa, no qual o verbete relato é assim explicado: “RELATO (v. CAUSO, CONTO, ESTÓRIA, HISTÓRIA, NARRAÇÃO, NARRATIVA, MEMORIAL, RELATÓRIO); narração (v.) não ficcional escrita ou oral sobre um acontecimento ou fato acontecido, feita geralmente usando-se o pretérito perfeito ou o presente histórico.” (COSTA, 2020, p.202)

Diante do exposto, comprova-se que a seleção de textos que compõem a sequência didática em questão está adequada aos objetivos propostos.

2.6 Uma proposta de sequência didática para o gênero relato de experiência vivida

Após apresentação das discussões teóricas, discorrerei sobre como pode ser desenvolvida a sequência didática, pensada para os estudantes do 7º ano do Ensino Fundamental na Escola Municipal Professor Hilton Rocha, localizada no bairro Mangueiras, periferia de Belo Horizonte.

A comunidade no entorno da escola é diversa, recebemos desde estudantes cujos pais ou responsáveis têm formação superior, quanto estudantes cujos pais ou responsáveis, pouco frequentaram a escola. Alguns estudantes chegam de carro ou moram em casas espaçosas, bem próximas à escola, enquanto outros vêm de uma vila situada a algumas quadras da instituição. A diversidade do alunado é bem marcante.

Este trabalho apresenta uma sequência didática cujo objetivo final é a produção de um relato de experiência vivida no período de distanciamento social da pandemia de Covid-19. São contempladas, principalmente, as competências de número 8 – “Conhecer-se, apreciar-se e cuidar de sua saúde física e emocional, compreendendo-se na diversidade humana e reconhecendo suas emoções e as dos outros, com autocrítica e capacidade para lidar com elas.”; (BRASIL, 2018, p.8) e a de número 10 – “Agir pessoal e coletivamente com autonomia, responsabilidade, flexibilidade, resiliência e determinação, tomando decisões com base em princípios éticos, democráticos, inclusivos, sustentáveis e solidários.” (BRASIL, 2018, p.8)

Além do trabalho com o desenvolvimento emocional do estudante, busca-se também o principal objetivo de uma sequência didática, ensinar o estudante a dominar um determinado gênero, aperfeiçoando-se sua linguagem na situação de comunicação escolhida. Para tornar esse momento de aprendizado prazeroso e eficaz, apesar de tratarem da mesma temática, os textos e suportes são variados. Segue, então, o resumo dos módulos que compõem este trabalho proposto.

Primeiro momento – Apresentação da situação

O trabalho terá início com dois trechos do filme *Feito em casa* (Disponível na plataforma Netflix), que retratam com muita delicadeza e sensibilidade como ficaram as ruas das cidades, quando foram tomadas as medidas de distanciamento social devido à pandemia da Covid-19, em março/2020. A exibição servirá como pretexto para o início da nossa roda de conversa. Assim, o professor iniciará a conversa com os estudantes: Vocês já tinham assistido ao vídeo? O que sentiram ao recordar aquele momento? Coloquem-se nos lugares desses dois narradores e lembrem-se do seu entorno, da sua rua, do seu bairro. O que marcou vocês naquele momento? Por quanto tempo vocês pensaram que ficariam em casa? Quero mostrar mais um texto para vocês. Vocês sabem o que é uma fotorreportagem? Exibir a fotorreportagem *A vida em tempos de coronavírus*. À medida que o professor for passando as fotografias, os alunos irão lendo as legendas e observando bem cada imagem e ir dizendo se as viram ou não na televisão e do que se lembram. Hoje, quando olhamos algumas dessas fotos achamos até engraçado, mas como nos sentíamos ao ver essas imagens na televisão? Observem essas duas fotos: o que pensam dessas situações? (foto 5: criança vendendo máscara nas ruas do Paquistão e 34: mulher praticando pilates *on-line* em casa no Chipre). No Brasil, aconteceram situações como essa? O isolamento foi igual para todos? Qual a

diferença? Agora, em poucas palavras, cada um vai dizer o que foi esse período para si e que lição aprendeu.

Segundo momento – Produção inicial

Dizer aos alunos que a fala de cada um, na aula anterior, foi um pequeno relato de experiência vivida oral, um gênero do discurso que nos permite relatar um fato marcante que nos aconteceu e nos ensinou alguma lição. Agora, eles irão iniciar a produção de um relato de experiência escrito. Pensem: como foi o momento pandêmico para cada um e que lição tiraram de tudo isso. Esclarecer que o texto é uma primeira produção (rascunho), que farão uma produção final e que publicarão depois no blogue da escola sob o tema “Vivências na pandemia”. Pedir para que caprichem e tomem cuidado com o uso da linguagem, pois o texto será lido por muitas pessoas da comunidade escolar, mas, ao mesmo tempo, enfatizar que essa produção não é a final.

Terceiro momento – Módulos.

Os módulos têm o objetivo de trabalhar com os problemas diagnosticados na produção inicial. A narração, base do texto de relato, é um tipo textual bem familiar aos estudantes, escolhido também por trazer certa facilidade para o início de trabalho presencial, tendo em vista que contar histórias faz parte da vida de todos. As atividades aqui propostas se baseiam nas particularidades do gênero e na sistematização do ensino das formas verbais e advérbios presentes no gênero.

Módulo 01: Se possível, comentar sobre o texto que entregaram inicialmente, o que ficou bom e o que se pode melhorar. Ressaltar a importância das leituras e atividades que farão desse momento em diante para o aprimoramento do trabalho.

Apresentar aos estudantes, no retroprojetor, trechos do livro *Querido Mundo*, de Bana Aleb; conversar com os estudantes sobre o assunto tratado nesse relato escrito por uma menina de oito anos, durante o período em que viveu na Síria e conviveu com uma guerra. Identificar as semelhanças e diferenças entre o cotidiano de Bana e o deles durante a pandemia da Covi-19. Analisar a capa livro, quem escreveu, para quem, sobre os meios de circulação da obra, a finalidade; em seguida, ler trechos escolhidos do livro. Chamar a atenção para os elementos da narrativa, presentes nos trechos lidos; entregar atividades impressas contendo trechos do livro, questões interpretativas e linguísticas, sobre o uso dos tempos verbais e expressões que situam os fatos no tempo. Ao final de cada atividade desenvolvida

em torno de um texto, anotar no quadro, coletivamente, as principais características do gênero trabalhado.

Módulo 02: Na sala de informática, apresentar o blogue *Fui, gostei, contei*. Explorar o blogue com os estudantes. Eles descobrirão que o objetivo do blogue é contar sobre viagens, mas devido à pandemia a autora passou a postar outro tipo de assunto. Discutir sobre as estratégias de algumas pessoas para se adaptar ao período pandêmico. Ler o relato da médica Gabriela Meira sobre o tempo em que trabalhou na linha de frente do atendimento aos pacientes da Covid-19.

Em sala, distribuir cópias do relato que leram no blogue. Perguntar sobre o que chamou a atenção deles na leitura do relato, se eles chegaram a ver na televisão matérias sobre a rotina exaustiva de trabalho dos profissionais de saúde, se conhecem alguém que trabalha na área de saúde ou em outra área que não parou de trabalhar, se conhecem alguma história parecida para contar. Em seguida, fazer exercícios escritos enfocando as características da estrutura do texto (origem na oralidade, forma breve, fatos específicos, verbos e pronomes na 1ª pessoa, trechos com descrições para que o leitor “visualize” os ambientes envolvidos, emprego da norma padrão), ou seja, chamar a atenção dos estudantes para a forma de narrar, ressaltando os pontos mais importantes e os aprendizados.

Módulo 03: Apresentar no retroprojetor o *e-book Caderno 4 – EJA, SAÚDE E CORPOREIDADE: Direito à Vida*; explicar sobre a criação do caderno e seu objetivo. Contar que se está apresentando o caderno para eles porque nele há um relato sobre outra pandemia, a da gripe espanhola. Ler o texto: *Relato de Experiência – Gripe espanhola, meningite e covid-19: as epidemias atingem as classes populares*, texto elaborado por Mariete Menezes Amaral Rodrigues e pelo Ariel Boas Costa e Silva, professores de História da Rede Estadual de Educação de Minas Gerais (OLIVEIRA, GEA; (Orgs), 2020, p. 104-107). Como o texto é grande, aproveitar para fazer aula de leitura oral e em seguida discutir a semelhança dos acontecimentos do relato com a atualidade.

Módulo 04: Apresentar o livro *Quarto de despejo, diário de uma favelada*, de Carolina de Jesus, analisar a capa e o título, falar sobre a vida da autora. Distribuir uma cópia de um trecho do livro (JESUS, 2014, p.12 e 14). Discutir as semelhanças e diferenças entre o gênero diário e o relato de experiência vivida e as características da linguagem do livro.

Módulo 05: Apresentar no retroprojeter alguns memes, pesquisados pelos alunos, que marcaram o período da pandemia. Esta atividade visa encerrar o debate de forma divertida, pois é possível perceber bastante da complexidade desse período abordado através das imagens e do bom humor. Além de trazer leveza para a aula, a narrativa tecida, a partir das análises dos memes, agregará conteúdo à escrita final.

Módulo 06: Produção final do relato de experiência vivida. Será afixado no quadro um cartaz com as principais características do gênero, apontados pelos estudantes ao longo das atividades nos módulos. Sugerir que reescrevam a primeira versão, revisando-a com os conhecimentos adquiridos ao longo do projeto. Caso o estudante queira recomeçar e fazer outra produção, pois pode ser que depois dos diálogos realizados, ele queira relatar a partir de outro ponto de vista ou tenha se lembrado de fatos mais relevantes que os anteriores. Poderão produzir um novo texto. A revisão será feita em duplas, com a mediação do professor, e digitada para a postagem no blogue da escola.

3. Considerações finais

Diante da impossibilidade de colocar em prática o trabalho aqui proposto, é importante ressaltar a esperança de que o tempo de espera não seja muito longo. A busca é por um caminho pelo qual o estudante possa compartilhar com os colegas e o professor, em um primeiro momento, sua percepção sobre esse momento de nossa história. Depois, ao finalizar a produção do seu texto, compartilhar também com toda a comunidade escolar.

Acredito que os textos que compõem a sequência didática ampliarão o olhar do estudante para que ele possa conhecer as diferentes realidades que se apresentaram durante esse período. Esse trabalho se propõe a fim de comparar a realidade do aluno às outras a ele apresentadas através das leituras e a fim de que apreenda as consequências dessas diferenças, principalmente, no que diz respeito à parcela mais carente da população.

A partir desses objetivos, as discussões teóricas que fundamentam esse trabalho guiam a busca de uma educação emancipadora, sabendo-se que a leitura é um meio para a compreensão e a transformação da sociedade. Espera-se que durante sua realização sobressaiam-se o diálogo, o acolhimento e o aprimoramento da aprendizagem da língua materna. Almeja-se também que os estudantes reconheçam que a escola faz parte de sua vida e valoriza suas experiências; que compreendam a leitura como espaço de identidade, de pertencimento e de vida.

Aspira-se que o estudante compreenda a atividade de escrita como uma experimentação, uma forma de expor seus sentimentos, seus pensamentos, sua visão de mundo. E, se possível, queira compartilhar sua escrita com sua comunidade.

REFERÊNCIAS

- A vida em tempos de coronavírus**, março de 2020; FOTOS. G1, 2020. Disponível em: <https://g1.globo.com/bemestar/coronavirus/noticia/2020/03/18/a-vida-em-tempos-de-coronavirus-fotos.ghtml> . Acesso em: 14/04/2021.
- ALABED, Bana. **Querido mundo**. Rio de Janeiro: Bestseller, 2018.
- BAKHTIN, M. **Os gêneros do discurso**. In: Bakhtin, M. Estética da criação verbal. 4ed. São Paulo: Martins Fontes, 2003.
- BOECHAT, Carla. **Diários de Pandemia: linha de frente no combate ao Covid-19 no Pará**. Blog Fui, Gostei, Conteí. Parauapebas, 15 de julho de 2020. Disponível em: <https://fui gostei contei.com.br/para-diaros-da-pandemia/> Acesso em: 16 de abril de 2021.
- BELO HORIZONTE. Secretaria Municipal de Educação de Belo Horizonte. **Percursos Curriculares** e trilhas de aprendizagens para a Rede Municipal de Educação de Belo Horizonte. Belo Horizonte, 2018.
- BRASIL. Ministério da Educação. **Base Nacional Comum Curricular**. Brasília, 2018.
- COSTA, Sérgio Roberto. **Dicionário de gêneros textuais**. 3 ed. ver. ampl.; reimp. Belo Horizonte: Autêntica, 2020.
- FREIRE, Paulo. **Pedagogia do Oprimido**. 74. ed. Rio de Janeiro/São Paulo: Paz e Terra, 2020.
- FREIRE, Paulo; MACEDO, Donaldo. **Alfabetização: Leitura do Mundo, Leitura da Palavra**. 6. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2013.
- JESUS, Carolina Maria de. **Quarto de despejo: Diário de uma favelada**. 10ed. São Paulo: ÁTICA, 2014.
- LADJ Ly** (Volume I, ep.1). Feito em casa [Seleção de curtas]. Direção: Ladj Ly. Produtor: Ladj Ly. França: Netflix, 2020. Streaming.
- OLIVEIRA, Heli Sabino; GEA, Karina Dias (Org.). Caderno Pedagógico 4 – **Eja, Saúde e Corporeidade: Direito à Vida**. Belo Horizonte: Coleção EJA: Lendo Mundo, Lendo Palavras.
- SCHNEUWLY, Bernard; DOLZ, Joaquim. **Gêneros orais e escritos na escola**. Tradução e organização ROJO, Roxane e CORDEIRO, Glaís S. 3. ed. Campinas, SP: Mercado de Letras, 2011.
- SILVA, Ezequiel T. **Elementos de Pedagogia da Leitura**. 3. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1998.
- SOARES, Magda. **Linguagem e escola, uma perspectiva social**. 10. ed. São Paulo: Ática, 1993.
- WARSCHAUER, Cecília. **A Roda e o Registro: uma parceria entre professores, alunos e conhecimento**. 5. ed. ver. ampl. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2017.

ANEXOS

ANEXO 1 – Blog fui, vi, gostei

O texto *Quem é Gabi* foi publicado no blogue Fui, Gostei, Conteí, criado em 2013 e em que 2016 foi eleito um dos blogues de viagens mais populares do mundo em Madri pela Fitur (Feira Internacional de Turismo). Porém, devido à pandemia o blogue também teve que ser reinventado por um período. Então, a blogueira Carla Boechat publicou nesse espaço o relato de Gabriela Meira, que sendo uma grande amiga, compartilhou o seu dia-a-dia no Covidinho, ala do hospital destinada a atender apenas pacientes com Covid-19 ou com suspeita do vírus no interior do Pará. O texto seguinte é um trecho da rotina enfrentada pela médica e seu aprendizado a partir disso.

Quem é a Gabi

Meu nome é Gabriela Meira Costa Issa, sou especialista em Medicina de Família e Comunidade e servidora pública (trabalho na prefeitura). Atuo também na área da Medicina do Estilo de Vida, com curso em Harvard. Sou mineira, atualmente morando em Parauapebas, Pará, há 6 anos.

Convocação inesperada para a linha de frente

Há 2 meses essa porta se abriu para mim, contra a minha vontade. Mal sabia o quanto essa experiência mudaria minha vida. Assumi os plantões no “Covidinho” em Maio, e desde então minha casa passou a ser dividida, para ficar longe da minha família e evitar uma possível transmissão do vírus a eles.

Mesmo assim, meu marido acordava cedo para me ajudar a fazer o café ou esperava até mais tarde, quando o plantão era noturno. Todos os dias ele me dizia o quanto acreditava em mim, o quanto eu era capaz, um incentivo que foi essencial para mim naquele momento. Manter a distância do meu filho sem dúvidas foi a pior parte. Ele corria para me abraçar e eu precisava interrompê-lo, até chegar num ponto em que ele mesmo dizia que não podia encostar em mim: “mamãe estava cuidando de quem teve Covid”.

Fechei a minha clínica para segurança dos meus pacientes e não fiz nem atendimento online, tamanha a sobrecarga emocional. A Medicina do Estilo de Vida é uma das minhas

maiores paixões e fonte de renda e essa decisão não foi fácil, mas necessária. Deixei outros negócios em segundo plano e, em resumo, me dediquei 100% ao desafio que a vida me proporcionou.

Rotina desgastante

Logo no primeiro dia, uma segunda-feira, precisei assumir o plantão sozinha, depois de 8 anos sem trabalhar com urgência e emergência. O outro colega desistiu. Nunca atendi tanta gente na minha vida! Os testes positivos de Covid-19, que nos primeiros dias eram raros, se tornaram comuns. Nunca imaginei trabalhar em uma situação tão insalubre! Foram vários plantões noturnos totalmente sem descanso, vendo profissionais de saúde lutando por bolsa de oxigênio, por vaga na UTI. Vi pessoas no final da vida se despedindo na solidão da doença. Vi faltar o ar dos pacientes e o meu também, por causa do EPI (equipamento de proteção individual).

Usar o EPI, aliás, também foi marcante! Por si só, o equipamento de segurança já traz o medo de algo que é misterioso. A máscara incomoda, a roupa é quente e muitas vezes abri mão de comer ou ir ao banheiro para não despamantar. Por mais cuidado que tivesse, não contrair o vírus era uma missão quase impossível.

Dividir, outra vez, me ajudou a passar por tudo de uma forma mais leve e receber tanto carinho, orações e mensagens me trouxe uma sensação imensa de gratidão!

Continuo na batalha contra o vírus e espero ansiosa a nossa vitória nesta guerra. Mas a lição que aprendi é que tudo na vida tem um propósito. Sem dúvidas não sou mais a mesma e sou imensamente grata por essa experiência. Olho para tudo o que passei e hoje vejo se cumprir de uma forma muito especial o propósito que Deus tem para mim.

Compartilhar para aliviar

Chegando em casa dos plantões, era hora de responder às dúvidas de conhecidos e desconhecidos pela internet. 10, 20, 30 mensagens todos os dias e isso me fez e faz bem, me deu forças em certo ponto. E isso me fez querer compartilhar a rotina, para que as pessoas entendessem mais sobre a doença e sobre o que os profissionais de Saúde estavam vivendo.

Valorizar o hoje

Passado o susto inicial da convocação inesperada, resolvi focar no que a experiência podia me ensinar. Trabalhei com pessoas maravilhosas e profissionais competentes, que faziam o plantão de 12hs virar de 20hs para conseguir fazer tudo o que pudessem por seus pacientes. Médicos de todas as especialidades, recém-formados, todos se tornando plantonistas e intensivistas. Dia e noite, vi famílias rezando por seus entes queridos, ouvi diversas experiências dos mais antigos e suas receitas caseiras, vi pacientes se recuperando e só depois de eu mesma pegar o Covid-19 (sim, eu tive o vírus) e me recuperar, pude ter um pouco de tranquilidade em conviver com meu marido e meu filho.

E nunca vivi momentos tão felizes com eles como estou vivendo agora! Talvez porque uma das coisas que o vírus me ensinou foi valorizar as pessoas que realmente importam e que estamos nessa vida para sermos felizes aqui e agora, seja qual for a situação que estejamos passando.

ANEXO 2 – Trecho do livro: Pequeno Mundo, de Bana Aleb

O livro *Querido Mundo*, da pequena autora Bana Aleb, traz um relato surpreendente de uma menina síria em meio aos horrores da guerra. Até os três anos de idade, Bana Alabed tinha uma infância feliz que foi interrompida por uma guerra civil. Além do relato de Bana, o livro contém cartas comoventes de sua mãe, Fatemah. Ler o livro é enxergar a guerra que se passa na Síria através dos olhos de uma criança. A menina nos conta sobre a perda de sua melhor amiga, a escola onde estudava e seu lar. Foram selecionados dois trechos: no primeiro, a mãe conta à Bana como era a cidade e a vida antes da guerra; no segundo, a própria Bana descreve mais um bombardeio e a consequência disso em sua vida.

Trecho 1, p.12

Os antigos muros de pedra sempre me faziam sentir-me segura e tranquila. Aleppo é uma das cidades ininterruptamente habitadas mais antigas no mundo, Bana. Você sabia disso? Pensar nisso me tranquilizou, e eu me senti conectada à nossa história e aos nossos ancestrais que caminharam por esse mesmo lugar ao longo de milhares de anos.

O local estava sempre cheio, com famílias e casais, e esse dia não era diferente. Havia muitas pessoas desfrutando um dos primeiros dias da primavera. As coisas eram assim antes da guerra — muitos dias comuns: seu pai ia trabalhar, eu visitava seus avós e fazia compras para o jantar, ajudava a vovó Alabed na cozinha e mais tarde dava um passeio depois do jantar.

É difícil pensar sobre isso agora. Aceitávamos como algo natural que as coisas sempre seriam assim, sem ter como saber, ou mesmo compreender, o que o futuro nos reservava. Teria sido impossível imaginar, naquela época, que aquele lugar onde passeávamos, o que ali se erguia havia séculos, em breve estaria praticamente destruído. Mas tudo isso estava no futuro; naquele dia éramos felizes. [...]

Seu nome significa “árvore”, em árabe. Nós o escolhemos porque é um nome forte, e queríamos uma menina forte. E você é, Bana — você é forte e corajosa. E sábia para sua idade. As pessoas chamam isso de “alma velha”. Você chegou ao mundo com uma sabedoria que todos à sua volta sentiram e pela qual foram atraídos. E isso ainda me enche de orgulho.[...]

Você se lembra de como ficou feliz ao aprender a ler? Você só tinha três anos, minha menina esperta! Mas seus dedinhos rechonchudos seguiam as páginas dos seus livros prediletos enquanto você mordida o lábio, concentrada, e pronunciava cuidadosamente cada palavra.

Isso me deixa muito feliz — sua curiosidade e o quanto você sempre esteve ansiosa para aprender — porque você herdou isso de mim. Eu adorava a escola. Uma das minhas lembranças favoritas da infância é de quando eu era apenas um pouco mais nova do que você é agora e comecei a estudar. [...]

Trecho 2 p.25 - 36

Todos nós sabíamos o que fazer quando ouvíamos as bombas.

Se você nunca esteve em uma guerra, poderá pensar que só existe um tipo de bomba. Mas na verdade, há muitos tipos diferentes. Aprendi rapidamente o que todas elas são porque eu aprendo rápido. Uma maneira de saber a diferença entre as bombas é pelo barulho que elas fazem.

Uma emite um guincho longo e alto como um assobio e depois faz um grande bum.

Uma é como o motor de um carro que está acelerando, vrum, vrum, e depois faz bum.

Outra faz bap, bap, bap enquanto vai descendo. Essa é a bomba cluster, que é como uma grande bomba com muitas bombas menores nela, e partes pontudas se espalham por todos os lugares quando ela atinge o solo.

Outra, ainda, é silenciosa — quase não faz barulho, e depois, quando vem o bum, ela ilumina o céu de amarelo. A coisa que faz o céu se acender é chamada de fósforo. Certa vez, eu acordei e fui chamar a mamãe, porque já era de manhã. Mas mamãe disse que ainda estávamos no meio da noite. Eu disse a ela que conseguia ver o sol pela janela; estava claro do lado de fora. Mas era apenas o fósforo.

A bomba de cloro é a pior de todas. É preciso colocar cloro na piscina para manter a água limpa, e isso nunca me incomodou quando eu ia nadar. Mas no ar, o cloro arde tanto os olhos que caem lágrimas mesmo se você não estiver chorando.

Todos sabíamos o que fazer quando ouvíamos as bombas: se elas estavam distantes, correr para o quarto na nossa casa que não tem janelas, o qual mamãe usava para guardar

roupas velhas e coisas para limpar a casa. Se elas estavam perto, correr para o porão, ou pelo menos para o apartamento do tio Wesam, no primeiro andar. [...]

Não chorei quando ouvi a bomba, mas chorei mais tarde quando Baba e mamãe decidiram que eu não poderia mais ir à escola. Não era seguro, porque poderia cair uma bomba lá. O regime não gosta de escolas, e as bombardeavam muito.

Também tive que parar de nadar e de ir ao parque. Eu estava realmente me tornando uma boa nadadora quando tive que parar de nadar. Também não pude mais ir brincar do lado de fora com minha melhor amiga, Yasmin, porque uma bomba grande poderia cair sobre nós. Mamãe parou de ir à universidade porque era perigoso demais. Eu sempre sentia um nó na garganta quando pensava que não podíamos mais fazer as coisas que adorávamos. Eu odiava a guerra. [..]

ANEXO 3 – Trecho do e-book do *Caderno 3 -EJA, SAÚDE E CORPOREIDADE: Direito à Vida*

O texto a seguir é um trecho retirado do Caderno EJA, material didático elaborado através de uma parceria firmada entre a Secretária Municipal de Educação de Belo Horizonte (SMED) e a Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG) e traz informações sobre a gripe espanhola no Brasil através de um depoimento de alguém que nasceu poucos anos depois dessa pandemia e, por isso, cresceu ouvindo as histórias da “espanhola”.

O relato que se segue foi elaborado por Mariete Menezes Amaral Rodrigues e pelo Ariel Boas Costa e Silva, professores de História da Rede Estadual de Educação de Minas Gerais. O depoimento aqui presente é de Dona Luzia, mãe da professora Mariete. Esses professores são participantes da equipe que elaborou os Cadernos Eja, coordenada pelo professor Heli Sabino de Oliveira.

Relato de Experiência - Gripe espanhola, meningite e covid-19: as epidemias atingem as classes populares

No livro de memórias “Chão de Ferro”, o escritor e médico mineiro Pedro Nava relata, com detalhes, o que ocorreu na cidade do Rio de Janeiro, quando a gripe espanhola se instalou na então capital federal e tornou-se uma calamidade de proporções ainda desconhecidas. O doente morria em pouco tempo, incapaz de respirar e com os pulmões cheios de líquido. “Era apavorante a rapidez com que ela ia da invasão ao apogeu, em poucas horas, levando a vítima às sufocações, às diarreias, às dores lancinantes, ao letargo, ao coma, à uremia, à síncope e à morte em algumas horas ou poucos dias” (NAVA, 2012, p. 98).

O ano era 1918. O mundo vivia as consequências do fim da Primeira Grande Guerra, quando outra tragédia já se anunciava: a gripe espanhola. Provavelmente, ela tenha se originado em algum lugar nos Estados Unidos e chegado à Europa com os soldados estadunidenses. A gripe chegou ao Brasil em setembro de 1918. O navio inglês “Demerara”, vindo de Lisboa, desembarca passageiros contaminados em Recife, Salvador e Rio de Janeiro, de modo que a doença logo se espalha pelo interior do Brasil. No início do século XX, as notícias chegavam ao interior através dos serviços postais dos Correios. As cartas, jornais, revistas, encomendas eram, muitas vezes, levados e trazidos em malas, a pé ou a cavalo pelos carteiros. Quando as pessoas do interior souberam da gripe espanhola, pelas notícias detalhadas vindas das capitais, a epidemia já havia se instalado, inclusive nas zonas rurais. Os movimentos espaciais de pessoas e de doenças, naquela época, eram mais intensos

do que a dispersão de informações, o que fez com que a doença se espalhasse mais rápido que as notícias sobre ela.

Minha mãe, Dona Luzia, tem hoje (2020) 94 anos de idade. Ela nasceu oito anos depois do início da epidemia, na atual cidade de Carmópolis de Minas, situada a 110 km de Belo Horizonte, e teve a sua família marcada por este vírus. Apesar de não ter vivido o auge da epidemia, as histórias familiares ficaram marcadas em sua memória. Ela atesta que as informações, no início do século passado, demoravam muito para chegar às cidades do interior. Muitas pessoas não sabiam da existência da “espanhola” e muito menos que ela já estava presente nas cidadezinhas. Os que tinham acesso às informações vindas da capital imaginavam que a doença atingiria apenas as grandes cidades.

E foi no vai e vem de pessoas na estação de trem, nas escassas jardineiras que faziam viagens para as cidades maiores; nos longos caminhos dos caixeiros viajantes com suas infinitas mercadorias ou nas buscas e levas de notícias a pé ou a cavalo, que a gripe tornou-se presente na vida da população interiorana. Apesar de não ter vivenciado o período em que o vírus foi espalhado por sua cidade, Dona Luzia escutou e guardou em sua memória os lamentos de seus familiares. Empréstando-nos suas lembranças, ela diz: “Minha mãe sempre contava sobre a tragédia que foi a gripe espanhola. Segundo ela, os sinos tocavam a toda hora, anunciando as mortes, uma prática comum no interior. E todo dia descia um enterro na rua em que ela morava. O caos tomou conta da cidade, as ruas ficaram desertas e eram poucos os coveiros para o número de mortos. Muitos homens fortes eram chamados para ajudar a abrir as covas. Os corpos das vítimas eram recolhidos e enterrados às pressas.”

Diante da epidemia, para a qual ainda não havia tratamento eficaz, o afloramento dos saberes popular foi intenso e veio como resposta à incapacidade da medicina para eliminar a gripe. Eram várias as receitas trocadas por benzedadeiras, curandeiros e até farmacêuticos, além das fórmulas utilizadas pela elite médica, tudo em busca da cura. Receitas milagrosas, chás, emplastos e beberagens diversas, compostas de limão, canela, folhas de eucalipto, alho, cebola, tudo foi amplamente empregado. As pessoas acreditavam que era possível tratar a “espanhola” da mesma forma que tratavam uma gripe comum! Dona Luzia conta: “Minha avó falava do uso da cachaça com limão para livrar-se da doença. Em pouco tempo, ela mesma notou que esse tratamento não tinha nenhuma eficácia”.

Nos jornais das capitais multiplicavam-se receitas. Cartas enviadas por leitores recomendavam pitadas de tabaco e queima de alfazema ou incenso para evitar o contágio e

desinfetar o ar. Com o avanço da pandemia, sal de quinino, remédio usado no tratamento da malária e muito popular na época, passou a ser distribuído à população como uma medida desesperada do Estado brasileiro. O medicamento foi distribuído em massa, mesmo sem qualquer comprovação científica de sua eficiência contra o vírus da gripe espanhola e com muitas contraindicações e possíveis efeitos colaterais.

Diante do desconhecimento de medidas terapêuticas para evitar o contágio ou curar os doentes, as autoridades dos grandes centros aconselhavam apenas que se evitassem as aglomerações. Minha mãe nos presenteia com mais relatos. A escola onde a minha vó (mãe de Dona Luzia) trabalhava foi fechada no final do mês de novembro de 1918 e todos os alunos foram aprovados. A ordem era para que todos ficassem em casa. Não havia recomendações oficiais sobre o uso de máscaras. Crianças tornavam-se órfãs, famílias eram destruídas. Alguns sobreviventes diziam ter sido algo tão horrível que não queriam sequer falar no assunto. Ainda nas memórias de Dona Luzia estão os casos que sua mãe contava sobre uma tia que perdeu seis dos oito filhos, todos vitimados pela gripe. Foi um eterno luto.

Nas recordações que se fazem presentes, Dona Luzia se emociona ao contar as histórias dos tempos difíceis que ela ouviu na infância. Sua mãe perdeu uma irmã, Madalena, vítima da gripe espanhola. Moça jovem, estava de casamento marcado. Chegaram a pensar que era só uma febre, mas era a “espanhola” batendo na porta da sua casa. Foi uma grande tragédia. O vírus matava em questão de dias e com Madalena não foi diferente. Ela adoeceu num dia de quinta-feira e na segunda-feira seguinte já estava morta.

Foi uma choradeira, meu avô ficou muito sentido. Ficava horas olhando para o vazio, sem acreditar que sua filha caçula estava morta. As famílias ricas foram menos atingidas do que as famílias pobres, porque refugiaram-se em fazendas no interior do país, mantendo distância do vírus e das aglomerações populacionais. Com a mesma rapidez que chegou ao Brasil, a gripe espanhola desapareceu, deixando em seus rastros o pânico e a morte. Ela é considerada, ainda hoje, a epidemia mais mortal da história, em um período tão curto. Dados da Fundação Fiocruz indicam que entre outubro e dezembro de 1918, período oficialmente reconhecido como pandêmico, acometeu 65% da população brasileira. Entre os anos de 1918 e 1920, a gripe espanhola deixou cinco vezes mais mortos no mundo do que as batalhas da Primeira Guerra Mundial. [...]

ANEXO 4 – Livro: *Quarto de despejo*, diário de uma favelada, Carolina Maria de Jesus (p. 12 e 14)

O trecho abaixo foi retirado do livro *Quarto de despejo: diário de uma favelada*, lançado em 1960. O livro retrata a vida da autora e de seus três filhos na favela do Canindé, em São Paulo, entre julho de 1955 e janeiro de 1960. A obra manteve a grafia original da autora, que estudou só até o segundo ano primário. Através desse relato conhecemos a dura rotina de violências sociais vividas pela escritora negra Carolina Maria de Jesus, realidade semelhante a que muitos brasileiros enfrentam ainda hoje.

16 de julho Levantei. Obedeci a Vera Eunice. Fui buscar água. Fiz o café. Avisei as crianças que não tinha pão. Que tomassem café simples e comesse carne com farinha. Eu estava indisposta, resolvi benzer-me. Abri a boca duas vezes, certifiquei-me que estava com mau olhado. A indisposição desapareceu sai e fui ao seu Manoel levar umas latas para vender. Tudo quanto eu encontro no lixo eu cato para vender. Deu 13 cruzeiros. Fiquei pensando que precisava comprar pão, sabão e leite para a Vera Eunice. E os 13 cruzeiros não dava! Cheguei em casa, aliás no meu barracão, nervosa e exausta. Pensei na vida atribulada que eu levo. Cato papel, lavo roupa para dois jovens, permaneço na rua o dia todo. E estou sempre em falta. A Vera não tem sapatos. E ela não gosta de andar descalça. Faz uns dois anos, que eu pretendo comprar uma maquina de moer carne. E uma maquina de costura.

Cheguei em casa, fiz o almoço para os dois meninos. Arroz, feijão e carne. E vou sair para catar papel. Deixei as crianças. Recomendei-lhes para brincar no quintal e não sair na rua, porque os pssimos vizinhos que eu tenho não dão socego aos meus filhos. Saí indisposta, com vontade de deitar. Mas, o pobre não repousa. Não tem o privilegio de gosar descanço. Eu estava nervosa interiormente, ia maldizendo a sorte (...) Catei dois sacos de papel. Depois retornei, catei uns ferros, uma latas, e lenha. Vinha pensando. Quando eu chegar na favela vou encontrar novidades. Talvez a D. Rosa ou a indolente Maria dos Anjos brigaram com meus filhos. Encontrei a Vera Eunice dormindo e os meninos brincando na rua. Pensei: são duas horas. Creio que vou passar o dia sem novidade! O João José veio avisar-me que a perua que dava dinheiro estava chamando para dar mantimentos. Peguei a sacola e fui. Era o dono do Centro Espirita da rua Vergueiro 103. Ganhei dois quilos de arroz, idem de feijão e dois quilos de macarrão. Fiquei contente. A perua foi-se embora. O nervoso interior que eu sentia ausentou-se. Aproveitei a minha calma interior para eu ler. Peguei uma revista e sentei no capim, recebendo os raios solar para aquecer-me. Li um conto. Quando iniciei outro surgiu os

filhos pedindo pão. Escrevi um bilhete e dei ao meu filho João José para ir ao Arnaldo comprar um sabão, dois melhoraes e o resto pão.

Puis agua no fogão para fazer café. O João retornou-se. Disse que havia perdido os melhoraes. Voltei com ele para procurar. Não encontramos. Quando eu vinha chegando no portão encontrei uma multidão. Crianças e mulheres, que vinha reclamar que o José Carlos havia apedrejado suas casas. Para eu repreendê-lo.

**ANEXO 05- FOTOREPORTAGEM: A VIDA EM TEMPOS DE CORONAVÍRUS,
MARÇO DE 2020; FOTOS. POR G1.**

As fotografias selecionadas abaixo fazem parte da fotorreportagem: *A vida em tempos de Coronavírus*, publicada em março de 2020. Através das fotos produzidas por diversos fotógrafos, acompanham-se as mudanças que a chegada do vírus promoveu pelo mundo. As duas fotografias reproduzidas aqui explicitam as condições de desigualdade social no enfrentamento da pandemia.



Fotografia 1: 31 de março - Menino oferece máscaras à venda durante quarentena devido ao coronavírus em Karachi, no Paquistão — Foto: Akhtar Soomro/Reuters



Fotografia 2: 23 de março - Uma mulher participa de uma aula de pilates on-line em casa enquanto seu cão Elvis se estende ao lado dela em Nicósia, no Chipre, durante a quarentena devido à pandemia do novo coronavírus — Foto: Christina Assi/AFP